

5 LEXICOLOGIA, ONOMASIOLOGIA E SEMASIOLOGIA

Neste capítulo, são apresentados os enfoques teóricos utilizados como princípios básicos para a argumentação deste trabalho, a exemplo da Lexicologia e Semântica Estruturalistas, da Terminologia e da Onomasiologia e Semasiologia.

As microestruturas onomasiológicas (campos de denominações) e semasiológicas (campos de significações) apresentam a ciência do significado, enquanto relação entre as unidades lexicais (plano da expressão) e o conteúdo (plano conceitual). Conforme assegura Baldinger (1970), são perspectivas tanto histórico-evolutivas, como pedagógicas, entre várias outras possíveis.

A escolha dessa fundamentação teórica, aliada à realização de um estudo onomasiológico, justifica-se pelo objetivo de se esclarecer a relação entre a ciência do léxico e a Semântica aplicada à interação social, e não mais autônoma. Nesse sentido, as colaborações dos especialistas revelaram que só se compreende a Semântica, através dos conceitos lexicais, dos termos como significado na experiência, enquanto polissêmicos, cujas associações e mecanismos de mudança importam estudar.

Cabe ressaltar que também se trata neste capítulo de um item reservado ao triângulo semiótico, essencial para quaisquer estudiosos da ciência do signo, pois, para um trabalho cuja base é estrutural, faz-se necessário perceber o signo, especialmente o signo lingüístico, a partir das concepções de Saussure, isto é, como entidade psíquica de duas faces significado/significante.

Da mesma forma, deve-se compreender a língua como uma entidade que elabora sua unidade, ao se construir entre pensamento e som, ressaltando-se as noções de valor e de significação, além da idéia de relações e diferenças entre termos lingüísticos que estabelecem padrões sintagmáticos e paradigmáticos.

Consideram-se esses aspectos fundamentais para a Semântica Estrutural, porque abrem caminho para o surgimento de diversas correntes de estudos semânticos, principalmente a descrição científica da linguagem em termos de relações entre unidades, e da interpretação das expressões lingüísticas.

Ao apoiar-se, portanto, nessas perspectivas e tendo por base a proposta desenvolvida por Baldinger (1970) em relação às estruturas onomasiológicas e semasiológicas, o estudo sobre *As denominações para os pescadores e apetrechos de pesca na comunidade do*

Baiacu/Vera Cruz/Bahia adota o termo ‘denominação’¹, proveniente de uma relação referencial constante e codificada entre uma coisa (objeto extralingüístico) e um signo, fazendo com que esse signo passe a constituir uma característica inalienável do objeto, o seu nome. Nesse sentido, *as denominações* partem dos conceitos para relacionar as unidades lexicais, e são consideradas realizações lingüísticas em função dos conceitos por elas representados. Essa definição se encontra nos estudos postulados por Baldinger (1970).

5.1. O TRIÂNGULO DE OGDEN E RICHARDS E SUA ADAPTAÇÃO ÀS TEORIAS SEMÂNTICAS

O triângulo de Odgen e Richards é referência para os estudos léxico-semânticos, e não pode ser ignorado por aqueles que realizam tais investigações. A partir dessa “metáfora geométrica” do triângulo, tem-se uma representação sintetizada que foi proposta por Ullmann, nos anos cinquenta, com a finalidade de estabelecer uma associação entre a linha de raciocínio de Saussure e o que se é representado pelos semanticistas, uma vez que permite demonstrar que a palavra pode ser formada por associações de imagens acústicas ou formas e sentidos. Essa relação dos símbolos com o pensamento e a realidade coloca o estudo da organização lingüística dos sistemas de expressão em relação com os aspectos psicológicos da comunicação:

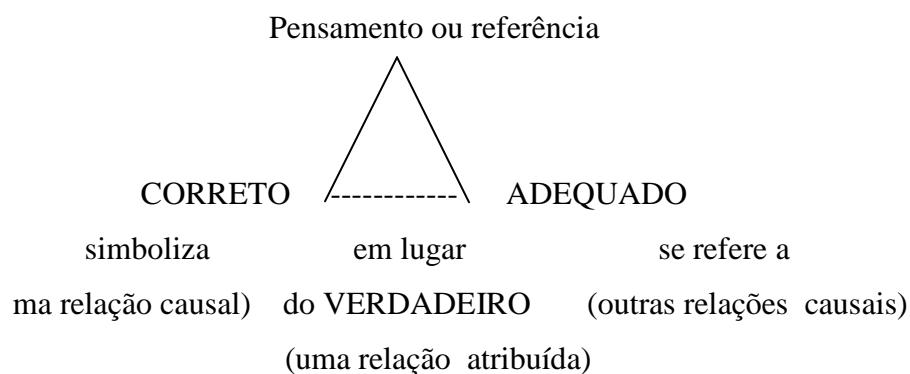


Figura 1: Triângulo de Ogden e Richards

¹ Para Siblot (2007), a problemática da nomenclatura torna-se ambígua na terminologia lingüística, pois apresenta várias formas de nomeação em que a *designação* e a *denominação* são consideradas no mesmo paradigma de sinônimos. Para o autor, a *designação* é um termo mais genérico, e comum a unidades diferentes, é a forma final, a materialização do discurso em posição de hiperônimos. São expressões lingüísticas lexicalizadas ou não. Por sua vez, a *denominação* é definida como formas estabilizadas na língua.

Caso se adotasse a concepção aristotélica para a denominação, dizem-se os que, tendo a terminação diferente, têm contudo as atribuições, que esse nome designa, idênticas (Nota da autora dessa Dissertação).

Para Saussure e seus discípulos (1975), significante e significado são indissociáveis, mas o signo é arbitrário. Como uma possível interpretação do signo, o significante é a imagem acústica, a representação fônica. O significado, por sua vez, abrange a idéia que se tem sobre a coisa, e a coisa é o referente, o fator extralingüístico, a realidade sobre a qual se está falando, pois, a língua deve ser encarada como um todo organizado, no qual os diversos elementos são interdependentes e recebem a sua significação do sistema, no seu conjunto.

Qualquer palavra pode servir de ponto de partida para a estruturação de séries ou campos associativos que têm por base estrutural a afinidade de sentidos.

Assim, explica Ullmann (1964):

[...] O nome é a configuração fonética da palavra; o 'sentido' é a informação que o nome comunica ao ouvinte; a coisa [o referente] é o aspecto ou o acontecimento não-lingüístico acerca do qual falamos. [...] Essa relação recíproca entre o som e o sentido é o que chamo de significado da palavra (ULLMANN, 1964, p.119).

As redes de associações que ligam umas palavras às outras se baseiam em ligações entre os sentidos. Para assegurar essa idéia, o autor explora inúmeros exemplos de mudança semântica e destaca a freqüência com que os termos se vão evidenciando ao longo do tempo, e também cita os seus precursores que viam, nessa tendência, algo intrínseco, presente no ser humano. Dessa forma, focaliza a relação entre som e sentido, enquanto proposta para denominar o significado de uma palavra. Para ele, todas as palavras estão cercadas por uma rede de associações que as ligam com outros termos. Algumas dessas associações baseiam-se em ligações entre os sentidos, outras são puramente formais, enquanto que outras, finalmente, envolvem o tempo, a forma e o significado, tal como também revela Saussure (1975).

De acordo com Ullmann, (1964):

Todos os signos, por definição, apontam para algo distinto, referem-se a alguma coisa que está para além deles próprios. Vários nomes podem estar ligados com um único sentido e, inversamente, diversos sentidos podem estar ligados a um só nome. As palavras estão associadas a outras palavras, com as quais tem qualquer coisa em comum, no som, no sentido, ou em ambos ao mesmo tempo (ULLMANN, 1964, p.128; 131).

Essa idéia advém de que há interdependência entre o que é, o que expressa e o que vem a formalizar-se a significação de um signo.

Entretanto, para Baldinger (1970), essa relação evidencia-se por meio de quatro estruturas distintas da significação de um significante e se constituem em um campo

semasiológico e as denominações de um conceito, em um campo onomasiológico. Mas, conforme assegura Baldinger (1970):

[...] no existe relación directa entre significante y realidad. ¿Como seria posible, si no, designar la misma cosa en distintas lenguas con distintas imágenes acústicas: *mesa, table, Tisch*? En otras palabras, el significante no está motivado por la realidad; el signo lingüístico es arbitrario. Si fuera de otro modo, tampoco podría cambiarse la forma, es decir, no habría historia de la lengua² (BALDINGER, 1970, p.29).

Em nota de rodapé, Baldinger (1970) diz que a imotivação do signo tem uma longa tradição desde Aristóteles até Saussure, na qual se baseia a lingüística moderna. A concepção do signo lingüístico é reinterpretada por Baldinger (1970), ao postular a independência do conceito, a fim de proceder à sua atualização, tendo em vista o desenvolvimento alcançado pela ciência lingüística, ao mesmo tempo em que persegue a idéia de coordenar os princípios da semântica tradicional e semi-estrutural:

[...] la reunión del significante y del significado/conceito no constituye un signo lingüístico en su totalidad porque el contenido de una forma [...] es todo un campo semasiológico (que contiene más de un concepto u objeto mental) y porque, del otro lado, un concepto (objeto mental) puede formalizarse por más de una forma (significante) [...]. El signo lingüístico es, en mi aplicación del triángulo, la reunión de un significante Y [...] de una significación; el concepto es un objeto mental formalizable [...] por un significante³ (BALDINGER, 1970. p. 156).

Com o intuito de estabelecer princípios que conduzem a uma teoria semântica estrutural e a concepção do signo, a partir da formalização do conceito lingüístico, independente de qualquer língua, o seu ponto de partida é o triângulo simplificado por Ullmann (1964):

²[...] não existe relação direta entre significante e realidade. Como seria possível, senão designar a mesma coisa em distintas línguas com distintas imagens acústicas: *mesa, table, Tisch*? Em outras palavras, o significante não está motivado pela realidade, o signo lingüístico é arbitrário. Se fosse de outro modo, tampouco poderia mudar-se a forma, isto é, não haveria história da língua. (Tradução da autora desta Dissertação).

³ [...] a reunião do significante e do significado/ (conceito) não constitui um signo lingüístico em sua totalidade, porque o conteúdo de uma forma [...] é todo um campo semasiológico (que contém mais de um conceito um objeto mental) e porque, do outro lado, um conceito (objeto mental) pode formalizar-se por mais de uma forma (significante)[...]. O signo lingüístico é, em minha aplicação do triângulo, a reunião de um significante e [...] de uma significação; o conceito é um objeto mental formalizável [...] por um significante. (Tradução da autora desta Dissertação).

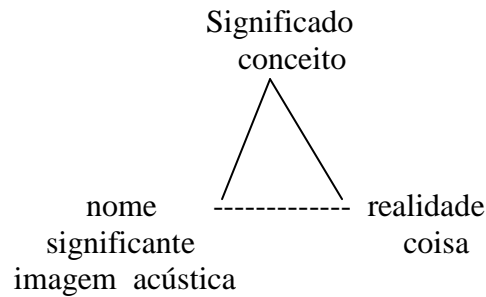


Figura 2: Triângulo de Ullmann

Entretanto, enquanto para Ullmann (1964) o significado é a relação recíproca e reversível entre nome e sentido, para Baldinger (1970), é a relação entre conceito e significante.

Na perspectiva de Heger (1974), o triângulo pode servir como modelo para demonstração de teses opostas. Daí, ter ele substituído a “metáfora geométrica” do triângulo por um trapézio, como um modelo mais completo que pode ser preenchido pelo triângulo. No lado esquerdo do trapézio, dependente da estrutura de uma língua, a relação é a de “consustancialidade quantitativa” que caracteriza o signo lingüístico abarca três níveis, o da substância da expressão, o da forma da expressão e forma do conteúdo, representado pela formalidade da língua- e o da substância do conteúdo. O lado direito- independente da estrutura de uma língua- une-se ao esquerdo pelo lado superior onde estão representadas as unidades mentais cuja relação é a de “consustancialidade qualitativa”.

Heger (1974) propõe o trapézio⁴ como um modelo mais completo para representar não só a unidade do signo lingüístico, uma vez que possibilita a inclusão do triângulo no seu interior, como também para contemplar a análise do conteúdo:

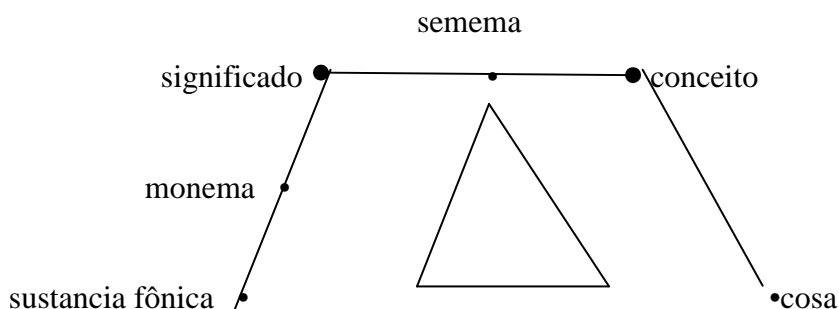


Figura 3: Trapézio de Heger

⁴ Como uma possível interpretação acerca do modelo exposto por Heger (1974), o signo lingüístico é analisado a partir de um trapézio em que conta de conteúdo, conceito, denominação e significante. O semema representa a soma do monema mais conteúdo, sendo a significação. E, conforme Heger (1974), o conceito é independente, e se define pela posição em um sistema lógico de relações. O monema é a forma de conteúdo e de expressão, unidade mínima portadora de significação. Ao propor o monema no trapézio, o autor deixa transparecer o fato de que a mudança ocorre por meio deste. A substância fônica é a substância de expressão/fonemas; e a cosa seria a realidade extralingüística.

Nesse sentido, Heger (1974) reforça a idéia de que o significado do monema⁵ é encontrado como denominação do conceito, sendo provável que o foco da Onomasiologia seja uma representação de um domínio particular e o da Semasiologia, o desenvolvimento da polissemia.

De acordo com Heger (1974), a adaptação do triângulo ao trapézio, deve-se ao fato de este ser necessário para a estrutura semântica do léxico, assim como do desejo de se chegar a um modelo de signo linguístico que possa ser utilizado na análise paradigmática dos linguemas (signo como unidade, denominação), e do signema (plano da expressão e plano do conteúdo), como também por questões de ordem metodológica para poder definir a Onomasiologia e a Semasiologia, com o intuito para que não apareça um como reflexo tautológico de outra.

Heger (1974) mostra-se a favor dos estudos realizados por Ullmann e Baldinger, devido tais autores demonstrar a necessidade de analisar a relação existente entre o significante e o significado, embora Ullmann analise a relação entre nome e sentido, e Baldinger, ao contrário, a relação entre a substância fônica (significante) e o conceito.

A consideração expressa por Heger (1974) para uma nova definição do triângulo revela a preocupação deste e de outros autores em explicar a natureza do signo como algo não isolado, mas interdependente.

5.2 LEXICOLOGIA E SEMÂNTICA ESTRUTURALISTAS

Só a partir da metade do século XIX que os estudos da linguagem vão se firmar e constituir-se como o prenúncio do tratamento científico da *Semântica*, termo etimologicamente derivado do radical grego *sema*, ‘sinal’, ‘indicador’, ‘marca’.

Atualmente, dentre as linhas de pesquisa em *Semântica* contemporânea, destacam-se: a linha da Semântica Estrutural de base saussuriana, a Semântica Cognitiva, a Semântica Formal e a Semântica Argumentativa. No dizer de Guiraud (1980), equivale a afirmar que a Semântica participa de três ciências distintas: uma Semântica Lingüística, uma Semântica Filosófica e uma Semântica Geral. O léxico assume, portanto, papéis diferentes.

Para esta Dissertação, o enfoque é orientado pelos princípios básicos dos estruturalistas, devido à sua concepção da linguagem como sistema de relações e à orientação

⁵ Terminologia utilizada por Heger para fins de análise do lexema e do semema. Porém, neste trabalho, utiliza-se do termo unidades lexicais por se aproximar dos elementos que formam as palavras de uma língua.

das suas pesquisas para a análise e determinação da estrutura dessas relações. Esse é um ponto essencial para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que se trata de demonstrar que a língua é um sistema de signos, de elementos interdependentes, constituídos pela relação significante/sentido, expressão/conteúdo. Nessa perspectiva, a interpretação da significação tem por base a relação linguagem/realidade lingüística e não lingüística: o sentido de uma forma é o seu uso, além de considerar o significado em função do referente.

Ao se partir dessas premissas, o núcleo que une todos os estruturalistas é o princípio de que o objeto da investigação são as relações (ou estruturas) entre as partes que constituem o objeto.

O conceito de relação é central no Estruturalismo⁶, daí o objetivo da Semântica Estrutural: estabelecer categorias semânticas responsáveis em uma língua pela criação de significados. É nesse sentido também que se focalizam aqui os estudos em torno da *Lexicologia* que, no sentido lato, tem por objeto de estudo as ‘palavras’, as unidades lexicais.

Sabe-se que, na história da Semântica Lexical, o período de 1930-1975, aproximadamente, é dedicado aos estudos da Semântica Estrutural⁷, que tem como ponto de vista a linguagem como estrutura autônoma. A tradição francesa é de importância considerável para os estudos acerca da Lexicologia, sendo Matoré um dos principais representantes, o pioneiro da Lexicologia.

Oliveira (1999) em sua tese de doutoramento, especificamente no capítulo 2.1.1 sobre campos léxicos, estabelece algumas posições teóricas e explica a estrutura léxico-semântica, a partir da informação de que os povos antigos, como os sumérios e eblaítas, já haviam organizado uma lista de palavras, reunindo-as em conjuntos. Como comprovação, a autora chama a atenção para o fato da descoberta de quinze mil tabuinhas em Ebla, em 1976, que serve como mostra da catalogação de palavras, feita na antiguidade, em 2400 a.C., por esse povo, chegando até a organização de vocabulário bilíngüe. A autora prossegue sua análise teórica, informando que, após o referido período, os gramáticos mudaram o rumo de seus estudos, focalizando sua atenção para temas relacionados às nomenclaturas, aos dicionários, onde os vocábulos são legados segundo a conexão semântica. Oliveira (1999) deixa explícito, entretanto, que é somente a partir do século XIX que se têm os primeiros trabalhos científicos,

⁶ Para Hjelmslev (1991, p. 29) ‘entende-se por Lingüística Estrutural um conjunto de pesquisas que repousam em uma hipótese segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a linguagem como sendo essencialmente uma entidade autônoma de dependências internas ou, numa palavra, uma estrutura.’

⁷ A Lingüística Estrutural Americana não se preocupou, até início do século XX, com a questão do significado. Entretanto, a Semântica Estrutural Européia desenvolveu muitos estudos sobre a estrutura semântica do léxico. Autores como Walter von Wartburg, Kurt Baldinger, Klaus Heger, Eugenio Coseriu, Bernard Pottier, entre outros autores, desenvolveram trabalhos com base na possibilidade de não ‘desestruturar’ o signo lingüístico.

com o intuito de comprovar a existência de um sistema no léxico, emanados com base nas novas disciplinas lingüísticas- a Semântica, a Geografia Lingüística- e, também, inspirados nos princípios saussurianos. Nesse sentido, o estudo sobre o léxico passa a levar em consideração a parte semântica e, como exemplos observam-se aqueles da Geografia Lingüística⁸, o da Escola das Palavras e Coisas⁹ e o da Semântica evolutiva ou História das palavras, como ressalta Baldinger (1970):

Del siglo XIX al XX la evolución de la lingüística [...] está caracterizada por dos tendencias esenciales: la atención se ha desplazado del sonido a la palabra (de la fonética histórica a la lexicología histórica) [...] Y, ao mismo tiempo, la manera de enfrentar-se con los problemas, aislante en un principio – unidimensional - se ha hecho estructural, es decir, bi- o tridimensional. Los atlas lingüistas han contribuído mucho a este desarrollo. Incluso el atlas lingüístico de GILLIÉRON partía aún del sonido y desembocaba, casi en contra del deseo del autor, en estudios lexicográficos, en la fundación de la geografía lingüística (BALDINGER, 1970. p. 243) [grifo de BALDINGER].¹⁰

Tais explicações consistem em considerar a condição de significação das palavras àquilo a que corresponde ao contexto. Ou então, elas podem tender para o que informa o semanticista Ullmann (1964):

[...] a tendência principal da semântica contemporânea difere da escola anterior em dois aspectos importantes. Abandonou a orientação unilateralmente historicista [...]. Em segundo lugar, fizeram-se nos últimos anos diversas tentativas de estudo da estrutura interna do vocabulário[...] também em diversos outros aspectos a nova semântica se afasta marcadamente da corrente tradicional. A aparição [...] de uma nova ciência da estilística, teve uma influência profunda nos estudos semânticos. Outro traço distintivo da nova semântica é o facto de o centro de interesse ter passado dos princípios gerais para o estudo de línguas particulares [...]. A semântica contemporânea caracteriza-se também por um interesse marcado pelas relações entre a linguagem e o pensamento [...] Pode também notar-se como um índice da evolução futura, a introdução da semântica de métodos matemáticos e até eletrônicos (ULLMANN, 1964, p.12; 22-4).

⁸ Conforme Bidermann (1981, p.143), além dos trabalhos pioneiros de Gilliéron, os trabalhos etnolingüísticos de Jaberg e Jud (a partir de 1928), os de Rohlf, de Manuel Alvar no domínio hispânico, os de Paiva Boléo, no domínio português. Como complemento, informam-se os trabalhos desenvolvidos em torno do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALIB), um projeto de caráter nacional que tem como um dos principais objetivos descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolingüística.

⁹ Segundo Biderman (1981, p. 143), o pioneiro desses estudos foi H.Schuchardt (Romamschen Etymologico, 1899). Uma verdadeira escola desenvolveu-se nesse domínio da Romanística.

¹⁰ Do século XIX ao XX, a evolução da lingüística [...] está caracterizada por duas tendências essenciais: a atenção se deslocou do som para a palavra (da fonética histórica à lexicologia histórica) [...] E, ao mesmo tempo, a maneira de se enfrentarem os problemas, isolantes em um princípio – unidimensional – fez-se estrutural, isto é, bi- ou tridimensional. Os atlas lingüísticos contribuíram muito para este desenvolvimento. Inclusive o atlas lingüístico de GILLIÉRON partia ainda do som e desembocava, quase contra o desejo do autor, em estudos lexicológicos, na fundação da geografia lingüística. (Tradução da autora desta Dissertação).

Ullmann (1964) ressalta que, de um estudo que se fazia unidimensional, a ciência da ‘palavra’ e do significado passa-se a tridimensional. Do mais geral para o particular. Conforme revela o autor, de início, os estudiosos da *Semântica* tiveram como princípio a idéia de que a tarefa primordial dessa ciência era estudar as mudanças de significado, explorar as suas causas, classificá-las de acordo com critérios lógicos, psicológicos e, se possível, formular “leis” gerais e investigar as tendências subjacentes. Ainda de acordo com esse semanticista, o núcleo de toda teoria *Semântica* é a natureza do próprio significado. Essa concepção de Ullmann(1964) expressa o modo pelo qual a *Semântica* passa a ser reinterpretada, ou como o estudo da mudança do significado, ou como o estudo da significação, ou como o estudo do conteúdo dos signos lingüísticos em qualquer nível: morfemas, lexemas, lexias, sintagmas, frases e textos. Linguista a exemplo de Ullmann (1964) preocupa-se em investigar as unidades e as estruturas semânticas próprias das línguas.

Em uma obra recente, Tamba-Mecz (2006) afirma que três correntes teóricas representam direções opostas para o estudo da compreensão do sentido das palavras. A primeira é a Lingüística Comparada- que se caracteriza em um período evolucionista, 1883-1931, da história das palavras. Dentre os representantes mais expoentes, citam-se, nesse caso, Bréal e Trier, este último especialmente destacado pelo seu estudo dos campos léxicos, e influenciado pelas idéias da língua, como sistema, e da articulação, como característica essencial de toda língua, teoriza acerca da organização de palavras em campos, e concebe em seus estudos o vocabulário de um estado lingüístico sincrônico como uma totalidade semanticamente estruturada em campos léxicos. Tais campos estabelecem uma relação de coordenação ou hierarquia, e representam um todo articulado, uma estrutura em que a modificação de uma expressão implica em mudança nos elementos próximos, assim como das palavras que expressam tais conceitos.

O domínio abstrato é mais adequado para o estudo dos campos léxicos, enquanto que o domínio do concreto resulta mais adequado para o estudo onomasiológico. A idéia de campo revela ser interdependente, a coexistência de estágios diversos da evolução de um mesmo campo. Os campos são, nesse sentido, aspectos nocionais do significado das palavras, em que nomeiam um conjunto de experiências em algum sentido análogas.

O estudo sincrônico de um campo pode, a partir dele mesmo ou de outro, ser acompanhado de um estudo diacrônico. Nesse sentido, cabe bem a definição feita por Coseriu (1986), isto é, a de que o campo é uma solidariedade léxica, um paradigma lexical em que se

cria uma oposição por meio de traços distintivos de conteúdos. Entretanto, faz-se necessário dividir um *continuum* de conteúdo lexical em diversas palavras da língua. Do ponto de vista de Geckeler¹¹ (1971), Coseriu¹² estabelece como critério para a delimitação de um campo a proposta de que “[...] desde el punto de vista práctico un campo se establece por oposiciones simples entre palabras, y termina allí donde una nueva oposición exigiría que el valor unitario del campo (contenido archilexemático) se convierta en rasgo distintivo” (GECKELER, 1971, p. 308).

De acordo com Tamba-Mecz (2006), este período visa a formalizar a *Semântica* no quadro de uma teoria gramatical das línguas naturais.

A segunda corrente é considerada como período misto-1931-1963: história das palavras e estruturação do léxico, em que coexistirão dois pontos de vista: o evolucionista e o sincrônico tendo como representante maior Saussure¹³. De acordo com a autora:

[...] A semântica de segunda geração se caracteriza por sua orientação sistemática ou estrutural, sincrônica e lexical. A noção de léxico como conjunto estruturado de unidades lexicais, suplanta a de vocabulário, como simples soma de vocábulos ou nomenclaturas” (TAMBA-MECZ, 2006, p.28).

¹¹ Geckeler, discípulo de Coseriu, analisa o campo lexical de parentesco a partir de exemplos da macro e micro estruturas lexicais, e realiza uma análise paradigmática com base nos lexemas pertencentes ao centro do campo léxico dos adjetivos da idade no francês contemporâneo.

¹² Coseriu parte de um estudo das estruturas lexemáticas, a partir de sete distinções: a da realidade extralingüística (as coisas) - linguagem (as palavras); a linguagem (‘linguagem primária’) - metalinguagem; a da sincronia-diacronia; a da ‘técnica do discurso’-‘discurso repetido’; ‘arquitetura da língua’ ou ‘língua histórica’- ‘estrutura da língua’ ou ‘língua funcional’; a do ‘tipo’-‘sistema’-‘norma’-‘fala’; e a da ‘significação’- ‘denominação’. Coseriu demonstra que dentro de um campo léxico há macro e microestruturas, e são opositivas. Do ponto de vista de Coseriu (1986), entende-se por estrutura a forma das relações dos significados léxicos, as oposições distintivas léxicas do conteúdo. Essas relações podem ser paradigmáticas (relações opositivas ou /ou, em que as unidades se substituem) e sintagmáticas ou solidariedades léxicas (relações combinatórias, aquelas que representam as relações de contraste (e + e), em que as unidades se combinam). Ambas simbolizam a forma das relações internas em um domínio qualquer dos fatos lingüísticos, embora se saiba que Coseriu faz uso do método de análise lexicológica, considerando as oposições, e que o autor não estuda o conceito, mas o léxico, a partir de uma análise intensional, como, por exemplo, os pares latinos opositivos *alvus* × *candidus*, que representam as estruturas e oposições em que se perdem ou ganham distinções, quando se consideram as oposições desses adjetivos designativos de cor, e representam uma marca românica do léxico do português, em relação ao latim clássico.

¹³ O estruturalismo, conforme exposto na obra de Saussure, baseia-se na convicção de que a linguagem é um sistema abstrato de relações diferenciais entre todas as suas partes. Esse sistema se apresenta subjacente aos fatos lingüísticos concretos e constitui o principal objeto de estudo do lingüista. Para fundamentar suas afirmações, Saussure estabeleceu uma série de definições e distinções sobre a natureza da linguagem, que se podem resumir nos seguintes pontos: (1) diferenciação entre *langue* (língua), sistema de signos presente na consciência de todos os membros de uma determinada comunidade lingüística, e *parole* (fala), realização concreta e individual da língua num determinado momento e lugar por cada um dos membros da comunidade; (2) a consideração do signo lingüístico, elemento essencial na comunidade humana, como a combinação de um significante (ou expressão) e um significado (conteúdo), cuja relação arbitrária se define em termos sintagmáticos (entre os elementos que se combinam na seqüência do discurso) ou paradigmáticos (entre os elementos capazes de aparecer no mesmo contexto); e (3) a distinção entre o estudo sincrônico da língua, ou seja, a descrição do estado estrutural da língua em um dado momento, e o estudo diacrônico, descrição da evolução histórica da língua, que leva em conta os diferentes estágios sincrônicos.

Além disso, ela explicita em nota de rodapé que Saussure é o primeiro a utilizar o termo *Lexicologia* no sentido de estudo das ‘relações sintagmáticas e associativas’ entre palavras (fato que é mencionado também em Bouquet, 2004, especificamente em um capítulo intitulado ‘O valor semântico), mas é Matoré quem consagrará o termo ao distingui-lo da Lexicografia¹⁴ e de *Semântica* (cf. TAMBA-MECZ, 2006, p.28). Do mesmo modo, Tamba – Mecz (2006) revela que este período é marcado pelo interesse nas ligações entre estruturas semânticas e cognitivas.

A terceira corrente teórica refere-se ao período das teorias lingüísticas de tratamento computacional, e tem como marco referencial os anos 1960 a 1990 e é definido pela autora como período em que se preocupa em explicar o impacto das situações de comunicação sobre a interpretação dos enunciados. Os principais representantes são Chomsky, com a Gramática gerativa, e Lakoff e J. MacCawley, com a Semântica gerativa.

Ao abordar tais correntes, Tamba-Mecz (2006) demonstra os limites e as modalidades possíveis de uma análise do sentido e das unidades da língua, ao mesmo tempo em que relaciona o significante à complexidade das estruturas semânticas e revela, com isso, que nem todo trabalho léxico é semântico, mas todo trabalho semântico é léxico. O objeto da *Lexicologia* é o estudo do léxico, e o da *Semântica*, o significado.

Do mesmo modo, o romanista Wartburg (1951) procura demonstrar a evolução por que passa a língua e como em sua história se estabelece uma comunhão total. Argumenta que o campo da teoria histórica contribui para demonstrar a relação mútua entre ela e os estudos sincrônicos da linguagem. Interpreta os fatos que ocorrem na língua sem, contudo, olvidar em relacioná-los à idéia de estrutura. Poder-se-ia reconhecer o exemplo de Wartburg como um fundamento para explicar o valor de conteúdo de cada palavra.

Um exemplo por ele utilizado é o que serve para demonstrar a relação entre forma e conteúdo a partir da substituição do referente, desde o latim ao galorromânico:

[...] el fr.femme frente al lat. Femina, vela el problema que encierra la relación mutua de ambos vocablos, pues el lat.femina no significa ‘mujer’ sino ‘hembra’, es decir, ejemplar del sexo femenino, tanto en hombres como en animales. Únicamente se pueden estudiar estas dos palabras en un marco más amplio y en relación con los términos empleados para designar ‘esposa’,

¹⁴ A Lexicografia tem como objetos estudo ou técnica do: dicionário (da língua); vocabulário (que caracteriza um autor); glossário (de determinadas palavras ou expressões); glosas (a exemplos das *Emilianenses*, *Silenses*, *Glosas de Reichenau*- os dois primeiros exemplos remetem à Península Ibérica, nos séculos X-XI, e o último à Alemanha da época medieval). (Explicação em aula ministrada na Disciplina LET A 23- Introdução á Filologia Românica, durante o período do Tirocínio Docente-, semestre II-2008).

así como los que se usan desde fines del Imperio como tratamiento (WARTBURG, 1951, p. 192).¹⁵

Esse exemplo pode ser considerado como uma manifestação semântica ou uma adaptação fonética da palavra. O autor ao estudar o problema da substituição, ilustra a íntima relação que existe entre a Lingüística histórica e a descritiva, e revela que as palavras coincidem foneticamente em sua evolução histórica.

A solução de um conflito homonímico, modificando ligeiramente a forma das palavras nela envolvidas, como asseguram autores como Ullmann (1964) e Baldinger (1970), demonstra que Wartburg faz a história do vocabulário em seu conjunto, com base em algumas expressões que perdem o significado primitivo ou sofrem uma transformação interna.

Nos estudos desenvolvidos por Piel (1989), demonstra-se como a *Lexicologia*, desde a década de 40, procura estudar as palavras não isoladamente, mas integrando-as no sistema léxico e no ambiente conceitual. Para o autor, este método permite penetrar mais profundamente na estruturação do vocabulário de uma língua, reconstituindo a história de determinado vocábulo e assinalando o lugar particular que este ocupa na contextura lexical respectiva. Para chegar a essa consideração, realiza um exame ideológico-lexical da reconstituição histórica dos vocábulos antonímicos latinos PAUPER-DIVES. Demonstra numerosas expressões à volta dos conceitos de PAUPER-DIVES, tais como, eufemismo, prefixos e sufixos derivacionais. A partir de um estudo diacrônico, explica os termos inovadores que parecem cobrir uma parcela do campo semântico primitivo de ambos os vocábulos, e estabelece, com isso, relações entre conservação e evolução da língua.

Outra variante defendida para os postulados teóricos lexicosemânticos é a interpretada por Guiraud (1980), segundo o qual, no plano do léxico, há três grandes divisões: uma morfolexicológica, ou estudo das palavras consideradas em sua forma independentemente de sua função; uma semântica, ou estudo das palavras consideradas em seu sentido, em sua forma enquanto portadora de um sentido; uma léxico-estilística, ou estudo das palavras consideradas em seus valores expressivos ou sócio-contextuais.

O autor aproveita para apresentar os campos da *Semântica* moderna, que perpassam três ciências distintas: a Psicologia, a Lógica e a Lingüística. A primeira descreve o psicológico, em que o significante e o significado são duas imagens mentais associadas; a

¹⁵ [...] o fr. femme frente ao lat. femina esconde o problema que encerra a relação mútua de ambos os vocábulos, pois o lat. femina não significa 'mulher' e sim, 'fêmea', isto é, exemplar do sexo feminino, tanto em relação a homens como a animais. Unicamente podem se estudar estas duas palavras em uma maneira mais ampla e em relação com os termos empregados para designar 'esposa', assim como os que se usam desde fins do Império como tratamento. (Tradução da autora desta Dissertação).

segunda percebe o significante com a função de identificar o conceito, de evocá-lo e de transmiti-lo sem o deformar, nem o confundir; e a terceira analisa os signos que constituem um sistema de símbolos de uma natureza particular, ou seja, a língua. De maneira mais cautelosa, Guiraud (1980) apresenta para os estudos semântico-lexicais a perspectiva da mudança de sentido enquanto estrutural, estritamente lingüística. O autor reflete acerca da significação e do sentido, enquanto processos e funções semânticas. Para sustentar seu argumento, remete ao exemplo clássico de Saussure, por meio do qual demonstra que a palavra “*enseignement*” está ligada por seu sentido e por sua forma a “*enseigner*”, “*enseignons*”, por seu sentido a “*apprentissage*”, “*education*”, e por sua forma fonética a “*clément*”, “*justement*”, (cf. GUIRAUD, 1980, p.80).

Xatara e Rios (2005) informam que, para o enriquecimento do estudo sobre o léxico, muitos estudos foram desenvolvidos e citam: “Baldinger [...], com outro enfoque, propõe duas direções para o estudo do léxico: Onomasiologia - estuda as denominações (as palavras), Semasiologia - estuda as significações (as idéias)” (XATARA E RIOS, 2005, p. 185).

Baldinger (1970) observa que as unidades lexicais, muitas vezes, são constituídas pela combinação de duas unidades significativas: o lexema e o morfema, e a diferença entre elas encontra-se no fato de que os morfemas têm um número limitado e os lexemas constituem uma lista aberta, isto é, o número é muito maior que o de morfemas. O autor parte do conceito de monema, unidade mínima, para explicar a bipolaridade fundamental da língua: o significante (forma da expressão) e o significado(forma do conteúdo). A partir do monema representado pelo morfema e pelo semema é que ocorrem as evoluções lingüísticas, pois o monema é utilizado para fins de análise do morfema e do semema. Logo, o ponto de vista saussuriano demonstrado também por Baldinger (1970), assim como outros pesquisadores, passa a ser apreciado como sendo a língua um sistema em que todas as partes devem ser consideradas do ponto de vista da semântica paradigmática estrutural. Duas direções são sugeridas por Baldinger (1970; 1977) para a apreciação do léxico, e estas compreendem o modelo teórico-metodológico dos campos semasiológicos e onomasiológicos.

Há, ainda, outros estudos (os mais recentes), a exemplo do proveniente das ciências cognitivas, que surgiram a partir dos progressos tecnológicos e devido ao desenvolvimento das Neurociências, que promovem a categorização de protótipos como mais uma possibilidade para a definição componencial do estudo do léxico. Em alguns estudos lexicais encontram-se alusões à etimologia cujo sentido atual, de acordo com a perspectiva de Baldinger (1970), está em conhecer o léxico como um todo que constitui o desenvolvimento da humanidade, como a mais imediata e universal expressão. Em outras pesquisas, percebe-se

o estudo do léxico, enquanto investigação semântico-lexical, quando se postula que as palavras em relação ao setor conceitual constituem-se em um conjunto estruturado, de sorte que os seus sentidos e os seus valores são definidos por um conjunto de formas ou unidades lexicais.

Mas, Michel Bréal foi um dos primeiros semanticistas a realizar trabalhos em torno do valor semântico de uma palavra e do seu sentido. É o mentor da Semântica. Ele substituiu o termo “semântica” por “semasiologia”, (sema = sinal), ou estudo das significações. Por sinal, tal terminologia já era conhecida pelos gramáticos desde o início do século XIX. Bréal definiu a semântica como a ciência das significações, sem limitá-la apenas ao estudo da palavra, mas dividindo-a em três partes: as leis intelectuais da linguagem; o modo pelo qual se fixou o sentido das palavras; como se formou a sintaxe.

Fratel (2007), ao citar Bréal, ressalta que:

[...] não se deve tomar uma palavra à parte, pois ela sempre recebe influência próxima ou mesmo longínqua por outras palavras do vocabulário [...] é preciso considerar a palavra nas suas relações com outras palavras, no conjunto do léxico. (FRATEL, 2007, p.31).

Entretanto, na mentalidade do homem primitivo não havia separação entre uma palavra e o que ela nomeava. Não se percebia que os elementos da realidade ao redor dos indivíduos só podem ser nomeados e identificados por meio da palavra, em um universo lingüístico que envolva a significação. Considerando que a *Semântica* é a ciência do significado, mas não age isoladamente, é acoplada ao léxico, revela-se, que ele, então, é dependente do contexto em que as palavras se encontram distribuídas, e de acordo com a função a que é atribuída. Premissas desse tipo revelam-se análogas e exprimem o fato de que a *Lexicologia* na tradição da *Semântica* estrutural européia, encontrou o seu objetivo para o estudo científico do léxico. Quanto à Lexicologia, é conhecida como um campo de conhecimento de caráter transdisciplinar. Ocupa-se do componente lexical geral das línguas, assim como dos aspectos formais e semânticos das unidades lexicais de uma língua. Oliveira; Isquardo (2001), ao citar Andrade, definem¹⁶ essa corrente como a disciplina científica do léxico que se propõe a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança. Essa conceituação encontra-se, do mesmo modo, em

¹⁶ Um outro conceito que vale ressaltar em torno dos estudos do léxico é o atribuído por Correia (2005): “o léxico é o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua” (CORREIA, 2005, p.9).

diversos estudos sobre a ciência da “palavra¹⁷”. O que revela ser possível a associação entre esta ciência e a do significado.

Nessa perspectiva, cabe à *Lexicologia* tratar das palavras e de todos os tipos de morfemas que entram na sua composição. Esses elementos devem ser investigados tanto na forma como no significado, tendo a *Lexicologia* suas subdivisões expressas na Morfologia (estudo das formas e de seus componentes), na Semântica (estudo dos seus significados), e na Etimologia (estudo não somente da origem e desenvolvimento fônico, mas, atualmente, também do sentido), o que possibilita uma compreensão a respeito do signo lingüístico.

O conteúdo de uma palavra pode ser adequadamente descrito na base de distinções com outras palavras, levando-se em conta a sua posição no interior do campo ou campos lexicais de que faz parte. Pode, ainda, ser descrito através da estrutura interna, e do domínio empírico, centrando-se nas relações semânticas paradigmáticas e sintagmáticas, e com fundamento no princípio explicativo de decomposição da significação ou relações de implicação, conforme assegura Silva (1999). Decorre daí que o papel do léxico e da significação provém de uma situação histórica concreta. Com efeito, valendo-se também da experiência de Basílio (1980), percebe-se que o papel do léxico está ligado à dupla função da língua que é a de categorizar as coisas sobre as quais se quer comunicar, fornecendo unidade de denominação, e categorizar as palavras que são utilizadas na construção dos enunciados.

Participam dessa posição teórica Genouvrier e Peytard (1974). Para esses autores, o léxico é um conjunto de todas as palavras que, em um momento dado, está à disposição do falante e que ele pode, oportunamente, empregar e compreender.

A atualização de certo número de palavras pertencentes ao léxico seria o vocabulário, conjunto das palavras efetivamente empregadas pelo falante num momento de fala. Nesse sentido, vocabulário e léxico encontram-se em relação de inclusão, em que se é renunciada a investigação da significação da palavra no sistema da língua, ou, em outros termos, a investigação da palavra dicionarizada.

Sem dúvida, é no plano do léxico que se reflete, com maior nitidez, a diversidade de visões de mundo dos indivíduos, os seus diversificados padrões culturais. Para Baldinger (1970), quando se discute o campo conceitual e sua classificação, deve-se lembrar das questões que envolvem as línguas gerais e as ‘especializadas’ dos diversos profissionais. No

¹⁷ No plano discursivo, qualquer seqüência significativa será chamada de palavra ou vocábulo. Para Ullmann (1964), a palavra é uma unidade semântica mínima do discurso. Biderman (1999), por seu turno, afirma que a palavra é uma entidade abstrata que compõe o sistema lingüístico, e é um elemento permanente na língua. Para isso, se associam palavras, construindo campos semânticos, com base no reconhecimento de que certas palavras estão relacionadas entre si de forma sistemática.

caso de uma língua especial - profissional - como a da pesca, os traços peculiares das diferentes comunidades de fala não transparecem com facilidade. O pescador tem de adaptar-se ao meio em que atua, empregando um vocabulário específico em função do tipo da atividade que trabalha, das características geográficas, e assim por diante. A variedade vocabular (e por extensão, sua riqueza) vincula-se à variedade da fauna aquática, ao nível de dificuldade de captura das espécies, às condições climáticas, aos apetrechos. O que pode revelar, em tempo aparente, as formas linguísticas mais conservadoras e as inovadoras e, por extensão, fornecer possíveis indicadores de estabilidade ou mudanças sociais.

Para também explicar esse princípio, Biderman (1981; 2001) chama a atenção para o fato de que a *Lexicologia* faz fronteira com a *Semântica* já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa, (embora a autora se preocupe em estudar a estrutura do léxico mental) :

[...] apesar de o léxico ser patrimônio da comunidade lingüística, na prática, são os usuários da língua - os falantes - aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua [...] alterando as áreas de significação das palavras [...] o indivíduo gera a Semântica da sua língua (BIDERMAN, 2001, p. 179).

No microcosmo lexical, assinala, também a autora, que cada palavra da língua faz parte de uma vastíssima estrutura que deve ser considerada, segundo duas coordenadas básicas - o eixo paradigmático e o eixo sintagmático. Da conjugação dessas simples coordenadas, resulta a grande complexidade das redes semântico-lexicais em que se estrutura o léxico.

Essas preocupações têm um pouco do sabor da discussão contemporânea. Vilela (1994) observa que, nos últimos anos, a *Semântica* desviou-se das teorias superformalizadas e seguiu perspectivas pragmáticas, comunicativas e cognitivas.

Do mesmo modo, no estudo de Mussalim; Bentes (2004), Pires (2004) discute as várias Semânticas, e para cada uma se elege a noção particular de significado, que corresponde diretamente à questão da relação existente entre linguagem e mundo:

[...] na Lingüística Contemporânea, não há nem uma resposta única para o problema do significado [...] apenas uma certeza de que qualquer descrição semântica está necessariamente engajada numa visão da linguagem, o que implica uma explicação para a relação entre linguagem e mundo, linguagem e conhecimento (PIRES apud MUSSALIM; BENTES, 2006, p.18-9; 42-3).

Sem um conceito materializado, a autora apresenta os modelos formal, enunciativo e o cognitivo, também como modos de descrição do significado. De igual modo, a *Semântica*

moderna vê no sentido um sistema de relações em que demonstra interdependência com o conjunto de outras ciências. O estudo do significado é representado com base na significação e no sentido que um signo é capaz de evocar, pois “a semântica moderna deve forçosamente tomar consciência da extrema complexidade de seus problemas e de sua interdependência com o conjunto das outras ciências do homem” (GUIRAUD,1980, p.132).

Sob a influência determinante dos estudos de Saussure e de seus discípulos, Bally e Sechehaye, diversos autores buscam compreender essas associações existentes entre a palavra e o conteúdo, heterogêneas no terreno da linguagem e passíveis de descrição dos fatos da língua.

Em um trabalho mais recente, Pottier (1993), em relação às diferenças e oposições existentes na língua, analisa a palavra partindo do particular para chegar a unidades mais gerais, e com isso desenvolve a hipótese de que o significado das formas lingüísticas é decomponível em traços mínimos, à semelhança dos traços distintivos mínimos que identificam fonemas e morfemas, nos planos fonológico e gramatical, respectivamente. O autor demonstra que a lexemização se realiza no nível da língua, por meio da escolha dos signos lingüísticos, e concebe o signo lingüístico, também, conforme a perspectiva saussuriana, como uma entidade psíquica e conceitual em que se estabelece relação de evocação recíproca entre um significante (segmento fônico, imagem acústica) e um significado. O significante constitui o plano da expressão, e o significado subdivide-se em substância do conteúdo e forma do conteúdo. O significado de uma palavra é constituído de componentes semânticos mínimos, nos quais Pottier (1993) atribui o nome de semas, mas estes são noemas se considerados como conceitos universais. O conjunto de semas são os sememas. Segundo Pottier (1993), o sema é um elemento do conjunto semema. O arquissemema é um subconjunto de um conjunto de sememas. A proposta de Pottier(1993) representa a inclusão ou não dos elementos lingüísticos. Fazendo uso de termos matemáticos, dir-se-ia que os elementos estariam contidos ou não contidos na estrutura da língua. De acordo com Heger (1974), Pottier invoca a relação lógica de implicação, o que parece legítimo ver nas relações entre semema, sema e arquissemema uma reinterpretação das que se dão entre espécie, diferença específica e gênero próximo. Pottier (1993) não nega a diferença entre substância do conteúdo e a coisa, considera a essa última insignificante para a Semântica moderna.

Baldinger (1970) assinala que o lingüista Pottier abordou questões inerentes à carga semântica, sendo um dos lingüistas que mais inovou na terminologia, tendo como proposta teórico-metodológica a Semasiologia, em consideração principalmente aos monemas

(morfemas e sememas). Conforme Baldinger (1970), o método de Pottier é semasiológico porque analisa o conteúdo de determinada palavra em sua acepção normal ou central, aplicando a esta palavra uma série aberta de objetos. Pode-se dizer que, tal qual Pottier (1993), Baldinger (1970) se refere à língua como constitutiva de unidades com funções diferenciadas que se combinam em níveis distintos.

Em um estudo desenvolvido por Borba (2003), por exemplo, o autor demonstra a natureza das relações entre os termos, apresentando-a através do léxico como um conjunto aberto, vulnerável às influências externas, e esclarece que a estrutura mórfica do léxico é dividida em lexias simples e lexias compostas¹⁸.

Do mesmo modo, Borba (2003) aproveita para apresentar considerações em torno da estrutura nocional das palavras lexicais e palavras gramaticais, da produtividade lexical¹⁹, da quantificação, das frequências léxicas e semânticas e do contexto que, para o autor, é de suma importância para a significação. Com o intuito de melhor explicitar acerca das alterações semânticas, Borba (2003) realiza uma análise a respeito da expansão e retração semânticas e, por fim, da descrição das palavras lexicais e gramaticais. Desse modo, o seu estudo é direcionado especificamente para a Semântica lexical, com base na organização de dicionários, em que o autor apresenta um recorte diferenciado de entradas e novos critérios de definição.

O caminho metodológico (talvez possa ser considerado como método?) ou o traçado histórico, pois, iniciado por Saussure e seguido por vários outros autores, propõe explicitar que uma das principais conseqüências dos estudos do léxico é a concepção clara de que o léxico de uma língua é um conjunto de relações entre as unidades lexicais calcadas no sistema de formas linguísticas. O léxico passa a ser entendido como uma rede de itens lexicais ligada por nexos semânticos e conceptuais, indispensáveis à estruturação do léxico.

Há a preocupação, nesses estudos, em demonstrar o papel importante que desempenha, na moderna *Lexicologia* e nos estudos semânticos, a idéia de sistema lingüístico, isto é, a existência organizada de uma estrutura lingüística, embora se saiba que não existe uma sincronia absoluta, em virtude das constantes transformações por que passa a língua.

As tentativas de se compreender, como por exemplo, alguns elementos na semântica se integram na ordem paradigmática ou sintagmática divulga a hipótese da lingüística

¹⁸ Autores como Pottier (1993); Baldinger (1970); Biderman (1981) conferem à lexia um conceito técnico, considerando-a como uma manifestação discursiva dos lexemas; uma unidade léxica de denominação em que o termo se repete para designar o objeto. Pottier (1978), por exemplo, classifica a lexia em três tipos: lexias simples, lexias compostas e lexias complexas. Borba (2003) utiliza a mesma terminologia proposta por Pottier.

¹⁹ Produtividade lexical se refere ao *corpus* enquanto produtividade da estrutura mórfica afixal, neologia e empréstimos (BORBA, 2003. p. 79-80).

moderna que vê no sistema um conjunto de relações. Coseriu (1986) dirá que é praticamente infinita a rede de relações que se podem estabelecer por meio das estruturas paradigmáticas e sintagmáticas a qual contribui para o estudo do conteúdo de um signo.

Essa idéia de Coseriu, a respeito do valor semântico, ressalta que ele só pode ser determinado satisfatoriamente em relação a todo o sistema de modos significativos da língua considerada.

Bouquet (2000) explica o valor do signo associado ao valor semântico através dos mecanismos da absentia (relações paradigmáticas) e da praesentia (relações sintagmáticas). O autor explica que o valor dessa associação é proveniente da arbitrariedade da língua, e o significado é mais bem explicado quando se expõe a teoria do signo ao do valor semântico revelando-se, ao mesmo tempo, enquanto unificada e complexa.

Em nota de rodapé, o autor deixa claro que :

[...] o valor faz par com termo, sentido, significação; sentido, com imagem acústica; expressão, com forma; conceito, com seqüência de sons. [O autor esclarece que] a palavra não existe sem um significado assim como sem um significante (BOUQUET, 2000, p.260-1).

Informa, ainda, que o preâmbulo que ele delineia sobre a leitura de Saussure esboça apenas um quadro conceitual.

Conforme explicita Silva (1999, p.68).

[...] um novo significado pode surgir a partir, não de um significado já existente como um todo[...], mas de um aspecto desse significado[...] a mudança semântica pode processar-se a partir de elementos individuais de um item lexical, ou a partir de vários significados sincronicamente relacionados.

Reforça-se, desse modo, a questão da escolha entre várias alternativas lexicais para nomear determinado referente. Ou, o estudo do significado deve se preocupar, precipuamente, conforme Lyons (1979) com o modo pelo qual se observa as relações recíprocas entre as palavras e as relações e o modo pelo qual elas se relacionam com as coisas, isto é, com o extra-linguístico.

De acordo com Biderman (2001, p.152) “[...] na evolução léxica das línguas Românicas constatou-se que, frequentemente, as alterações semânticas podiam acarretar alterações nos significantes”. Um exemplo significativo utilizado pela autora é o do termo latino para designar a noção de ‘casa’ “[...] a noção de ‘casa’ era *domis* significava

‘choupano’, ‘cabana’ e ‘na evolução para as línguas românicas o termo casa deslocou domus do centro do seu campo semântico[...].Daí resultou: port.casa, esp.casa, it.casa” (BIDERMAN, 2001, p.188). A autora salienta para o fato de que nesta língua, italiana, o vocábulo *domus* continuou a existir com a forma *duomo*, mas com um significado específico ‘a casa de Deus’.

Nas perspectivas advindas desses autores, a *Lexicologia* e a *Semântica* estruturalistas servem para constituir e fundar novos campos.

5.3 A ONOMASIOLOGIA E A SEMASIOLOGIA

O princípio fundamental da Lingüística Moderna tem sido associar a forma à função. De acordo com Adrados (1975, p.144) “[...] la investigación de la forma debe culminar en la investigación del significado²⁰”.

Neste caso, a lingüística estrutural analisa as oposições restritivas, distintivas e exclusivas.

Em estudos de Baldinger (1970, 1977), o autor demonstra essas preocupações e declara ser possível estudar a estrutura da língua a partir do nível paradigmático sem contradizer, contudo, o nível sintagmático. O autor aponta a Semasiologia- a que hoje chamaria a Semântica- como uma introdução histórico-evolutiva para a compreensão do estudo da língua. E informa que a sua posição é apenas um exemplo de estudo sobre a Semântica dentre vários outros possíveis. Desse modo, o autor depara-se com uma preocupação estrutural em torno do plano das denominações lingüísticas, e ressalta o fato de que a investigação da semântica, que estuda todo o lado do conteúdo da linguagem, ter feito progressos revolucionários nos últimos dez ou quinze anos. Diante disso, ele assume idéias de Heger, Coseriu, Pottier, e do próprio Saussure e outras próprias a respeito da investigação do significado, tarefa da nova lingüística que apresenta o estado atual e perspectivas da Semântica estrutural. Na teoria de Baldinger, postula-se que os conceitos são independentes de qualquer língua e se organizam em sistemas lingüísticos, o que contribui para demonstrar

²⁰ [...] a investigação da forma deve culminar na investigação do significado. (Tradução da autora desta Dissertação).

que um único conceito pode ser expresso por denominações lingüísticas, e que se pode partir do conceito em busca das suas denominações.

Santos Arlete (2004) considera os estudos de Baldinger importantes devido serem discutidos os princípios da Semasiologia em que a ordenação das palavras no campo das significações segue um sistema de proximidade fonológica, os objetos mentais formam uma macroestrutura no campo conceptual. Afirma a autora que quando se discute o campo conceitual e sua classificação deve-se lembrar das questões que envolvem as línguas gerais e as especializadas dos diversos profissionais.

As línguas de especialidade seguem os princípios da Terminologia²¹. A Terminologia, outrora, preocupava-se com a visão estática e normalizadora dos termos, com o objetivo de sistematizar os discursos especializados nas áreas do saber ou de atividade. Atualmente, entende-se o funcionamento das terminologias em um contexto mais amplo, levando-se em consideração os avanços da Ciência lingüística e da Socioterminologia, em detrimento dos propósitos normalizadores. Situa-se a Terminologia no espaço da interação social, com o objetivo de descrever e analisar as variantes terminológicas. Autores, a exemplo de Alves (1996), Krieger (2000), Oliveira e Isquierdo (2001), Faultstich (2002), Aragão (2007), definem a Terminologia, no sentido mais estrito, como a sistematização de termos e conceitos. De acordo com Alves (1996), a Terminologia é um conjunto organizado de unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia. A autora, ao citar Francis Aubert, assegura que as linguagens de especialidade entendem que os termos não existem em isolamento, nem derivam sua existência apenas de um arcabouço lógico-conceptual, mas se manifestam, circulam e exercem sua função em situação, em uso efetivo.

Para os especialistas, a Terminologia é o reflexo formal da organização conceptual de uma especialidade, é um meio inevitável de expressão e de comunicação profissional. Krieger (2004) observa os dois pontos de vista distintos da Terminologia: de um lado, encontra-se uma visão estática e normalizadora dos termos, expressão da dimensão conceitual sob a qual a Escola de Viena define seus princípios e métodos; de outro, a ótica lingüística que entende o funcionamento das terminologias no contexto de sua naturalidade aos sistemas lingüísticos e às formas pragmáticas de sua materialização nos textos especializados, em que a Terminologia adquiriu uma identidade própria e independente em relação à Lexicologia e à Lexicografia, e assegura que na origem das reflexões sobre o nome e a denominação, base da

²¹ Para Oliveira, Isabelle (2009), Eugênio Wüster é o fundador da Terminologia, e de acordo com a concepção wüsterienna, o termo não pode ser considerado como uma unidade que abarca à teoria lexicológica, a Terminologia se apoia sob a prescrição em detrimento da descrição. O objetivo da Terminologia é estabelecer os sistemas de noções para a base da normalização (v. OLIVEIRA, Isabelle, 2009, p. 28).

Terminologia, encontra-se toda a reflexão sobre a linguagem e o sentido. Para Krieger (2004), a relação entre a Semântica de cunho lingüístico e a Terminologia é marcada por algumas peculiaridades, uma das quais se refere ao estatuto das unidades lexicais quando estas assumem vínculo à sua face conceitual e às relações estabelecidas entre conceitos que se inserem no interior de uma área de conhecimento, dada sua orientação fundamentalmente onomasiológica. Ainda de acordo com Krieger (2004), a Terminologia assume um caráter metodológico, de natureza prescritiva e normalizadora em detrimento da apreensão quanto aos modos de funcionamento dos léxicos terminológico mesmo porque, outrora, o estudo da Terminologia era somente no campo conceitual, mas atualmente se alarga para outras áreas, há um redimensionamento, pois a moderna concepção informa que a Terminologia são unidades lexicais, podendo ser metafóricas, metonímicas. Essa concepção passa a ser analisado, de acordo com Krieger (2004), a partir da década de 90, época em que se intensificam os estudos fundamentados na complexidade que envolve o funcionamento das terminologias, tal como qualquer unidade da língua natural. Contribuem para esse redimensionamento importantes investigações de lingüistas, destacando-se a preocupação sociolingüística, bem como de pesquisadores de formação filosófica e tradutológica, além de contribuições advindas da inteligência artificial que motivam a Terminologia a avançar na perspectiva de estudos descritivos. Do mesmo modo, garante a autora que, no caso das denominações técnicas, o componente lexical especializado permite ao homem denominar objetos, processos e conceitos que as áreas científicas, técnicas, tecnológicas e jurídicas criam e delimitam conceitualmente. Por isso, os termos realizam duas funções essenciais: a de representação e a de transmissão de conhecimento especializado.

Para Faultstich (2002), a Terminologia é uma disciplina que deve explicitar o semanticismo do termo como signo lingüístico que é, pois, em Terminologia, os fenômenos variáveis que ocorrem no sistema interno da língua na qual estão redigidos os textos de especialidade. É o caso de se considerar, conforme Faultstich (2002), como método para inventariar as variantes terminológicas, e como tal criarem-se critérios de sistematização, que divide as variantes em dois grandes grupos: variantes lingüísticas, em que o fenômeno propriamente lingüístico determina o processo de variação, e variantes de registro, em que a variação decorre do ambiente de ocorrência, no plano horizontal, no plano vertical, no plano temporal em que se realizam os usos lingüísticos. A autora classifica as variantes lingüísticas obedecendo aos seguintes princípios: o da interpretação semântica- base para análise do termo; o das unidades terminológicas complexas- analisadas sob o ponto de vista funcional; e o dos subsistemas da língua portuguesa constituídos por fundo lingüístico de análise e o dos

usos escrito e oral em que são considerados todos os termos. A autora explicita as variantes lingüísticas como: variante terminológica morfossintática, aquela que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica e sintática na constituição do termo, sem que o conceito se altere; variante terminológica lexical, em que a forma do item lexical sofre comutação, mas o conceito do termo se mantém intato; variante terminológica gráfica, a que se apresenta sob a forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua. Quanto às variantes de registro, a autora obedece aos seguintes princípios: 1-os termos são recolhidos no discurso real da linguagem de especialidade; 2- os termos pertencem à variedade socioprofissional; 3- os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto; 4-os termos são recolhidos de discursos com maior ou menor grau de formalização, que tratam do mesmo assunto; 5- os termos são recolhidos de textos redigidos em épocas diferentes, que tratam do mesmo assunto. De acordo com tais proposições, a autora classifica as variantes de registro como: variante terminológica geográfica, aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua; variante terminológica de discurso, a que decorre da sintonia que se estabelece entre elaborador e usuários de textos mais formais ou menos formais; variante terminológica temporal, aquela que se configura como preferida no processo de variação e de mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma se fixe como forma preferida. Por exemplo, termos já em desuso.

Em se tratando da Socioterminologia, ramo da Terminologia que se propõe desenvolver um método de análise para o termo e para a descrição, segundo as características de variação no contexto social e lingüístico onde ocorrem, Faulstich (2002) dirá que para falar de Socioterminologia é preciso, antes de tudo, situar a Terminologia no espaço da interação social. A Terminologia em sentido mais estrito sistematiza termos e conceitos. A Terminologia internacionaliza léxicos de linguagens de especialidade. Desse modo, a Socioterminologia origina-se em reação TGT - Teoria Geral da Terminologia- que privilegiava um modelo de padronização das línguas especializadas, baseado na monossemia e na monorreferencialidade dos termos. Os postulados defendidos pela TGT ignoram a variação denominativa e conceitual, desconsiderando, por exemplo, a sinonímia e a homonímia, que são características inerentes a todas as línguas especializadas. Assim, conforme a autora, a pesquisa socioterminológica considera que os termos, no meio lingüístico e social, são entidades passíveis de variação e de mudança. Além disso as comunicações entre membros da sociedade são capazes de gerar conceitos interacionais para um mesmo termo, ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito. O principal

objetivo da pesquisa em Socioterminologia é a descrição e análise das variantes terminológicas. Para a autora, a consideração de que nas linguagens de especialidade forma e conteúdo podem variar, na diacronia ou na sincronia, cada estágio da língua está limitado por complexos de variedades lingüísticas, as quais se entrecruzam por impulso na linguagem e tendem a apresentar i) a variação como processo; ii) as variantes como protocolos naturais de evolução; iii) a mudança como produto da alteração nos esquemas comunicativos. O que revela, portanto, que uma unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência. Um termo será funcional dentro de uma linguagem de especialidade, porque assumira uma função específica de determinado valor, de acordo com o contexto de uso. Assim sendo, um termo de uma entidade variante porque pode assumir formas diferentes em contextos afins.

É no nível da ordenação do pensamento e da conceitualização que se representa a dimensão cognitiva da Terminología, a transferência do conhecimento constitui sua dimensão comunicativa, isto é, a base da comunicação entre profissionais. E por ter transportado a esse campo, há certo consenso com os percursos onomasiológicos e semasiológicos que são próprios da comunicação em língua de especialidade, como em língua geral.

Baldinger (1977) em *L'objet de la linguistique: essai d'un modele linguistique general*, propõe a escolha de um modelo para o estudo lingüístico e afirma: “ Notre modele est conçu à partir de l'état actuel de la science linguistique et reflète forcément cet état de recherche [...] Celui que je propose [...] étape de l'histoire de la linguistique²². (BALDINGER, 1977, p.379-80).

Esse modelo proposto conduz também a uma espécie de orientação atual da lingüística em direção às teorias e procedimentos de análise. Essa teoria semântica tem como base o sistema racional de conceitos e de denominações, ou, uma proposta com respaldo nas estruturas onomasiológicas e semasiológicas. Ambas as estruturas estudam um sistema de significações ou sememas, segundo este conjunto de significações esteja ligado a um conceito ou a um significado.

O autor deixa claro que:

L'analyse du contenu (tache de la sémantique) pent se faire dans une direction sémasiologique ou dans une direction onomasiologique (em parlant de l'expression vers le contenu ou inversement) [...] il permet de mieux comprendre le passé de la

²² Nosso modelo é concebido a partir do estado atual da ciência lingüística e reflete forçosamente esse estado de pesquisa [...] O que proponho é [...] uma etapa da história da lingüística.(Tradução da autora desta Dissertação).

linguistique sés anciens centres de gravite et sés anciennes orientations générales et spécifiques, et de les ordonner dans la longue tradition de notre discipline²³ (BALDINGER, 1977, p.381-82).

A Onomasiologia e a Semasiologia favorecem tanto a lexicologia histórica como a visão estrutural dos fenômenos lingüísticos, e atingem a reconstituição histórica, assim como o registro e a riqueza dos falares. Ambas estabelecem estruturas, sendo que a Onomasiologia corresponde à sinonímia, enquanto a Semasiologia se baseia na polissemia e, dessa forma, abrangem a realidade lingüística na sua complexidade, levando em consideração os elementos constitutivos e suas regras, pois na língua um mesmo conceito pode ter vários nomes e um mesmo nome pode significar vários conceitos.

Em um artigo de Babini (2006), *‘Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos’*²⁴, apresentam-se a origem e o emprego do termo Onomasiologia que, de acordo com ele, foi utilizado pela primeira vez em 1903 por A. Zauner, em um estudo sobre os nomes das partes do corpo humano nas línguas românicas: *Die romanischen Namen de Körperteile Eine onomasiologische studié*. O autor emprega a definição de Onomasiologia proposta por Vittorio Bertoldi na Enciclopédia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti, de 1935, por ser considerada como uma referência na matéria, e informa que por Onomasiologia entende-se um aspecto particular da pesquisa lingüística que, partindo de uma determinada idéia, examina as várias maneiras com as quais essa idéia encontrou expressão na palavra, e trata dos aspectos ligados ao processo da denominação (que vai da idéia ao signo).

Os estudos onomasiológicos tiveram, segundo Babini (2006), grande desenvolvimento no domínio das línguas românicas. O ponto de partida para a descrição dos conceitos foi o latim, uma vez que permitia, para alguns grupos de idéias, resgatar mais de dois mil anos de história lexical. Prossegue o autor afirmando que dentre os trabalhos que tiveram como ponto de partida a língua latina destaca-se a obra monumental de Wartburg, *Französisches Etymologisches Wörterbuch-FEW*, de 1928, que apresenta uma minuciosa

²³A análise do conteúdo (tarefa da semântica) pode-se fazer em uma direção semasiológica ou em uma direção onomasiológica (falando-se da expressão para o conteúdo ou inversamente) [...] permite compreender melhor os períodos da lingüística, seus centros de gravidade central e suas orientações antigas gerais e específicas, além de ordená-las na longa tradição de disciplina. (Tradução da autora desta Dissertação).

²⁴Este artigo encontra-se disponível na web, através do link: Disponível em: <Cienc. Cult. vol.58 no.2 São Paulo Apr./Jun. 2006.MaurizioBabiniTerminologia/Artigos Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos> Acesso em: 26 mar.2008. Mas, encontra-se tanto impresso como em arquivo no email svencris@gmail, e foi cedido gentilmente pelo próprio autor, após a estudante ter descoberto, na Revista Língua Portuguesa, o endereço eletrônico do autor e manter com ele contatos. O recebimento deste artigo ocorreu em 26.03.2008.

descrição histórica do vocabulário galo-românico. Mas é em 1952 que Wartburg, juntamente com Hallig, redige a obra que é considerada um marco nos estudos da Onomasiologia: o *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie* (Sistema Racional de Conceitos).

Wartburg (1951) explica que:

[...] jamás será posible comprender el carácter del léxico como expresión de la imagen del mundo que tiene una nación en una época determinada, ni entender su organización interna, en tanto no sea reemplazada la ordenación alfabética por un sistema que sea fiel reflejo del lenguaje en cualquier momento o situación (WARTBURG, 1951, p.295).²⁵

De posse do artigo de Babini (2006), observa-se que o autor não só retoma as idéias de Wartburg para entender os conceitos de Onomasiologia e de Semasiologia²⁶, mas também as de Baldinger e as de Pottier. Ao citar Baldinger, por exemplo, Babini (2006) explica que o *Dictionnaire onomasiologique de l'ancien occitan*, de Kurt Baldinger contribuiu de modo significativo para os estudos onomasiológicos e para continuar a tradição dos estudos de Onomasiologia nas línguas românicas. Em relação a Pottier, Babini (2006), posicionar-se-à, diante dos percursos onomasiológicos e semasiológicos, e garante que o percurso onomasiológico vai da intenção de dizer ao enunciado, e o percurso semasiológico, vai do enunciado à sua interpretação, parte do discurso para chegar à compreensão.

Fratel (2005) afirma, com base em Vidos, que:

A onomasiologia, que inicialmente foi praticada com a ajuda de dicionários e de vocabulários dialetais, monografias dialetais etc., recebeu poderoso impulso graças aos atlas lingüísticos. Um atlas lingüístico não é outra coisa senão uma coleção de mapas onomasiológicos. O mapa nº. 1 do ALF, por exemplo, não é mais do que um estudo sobre as denominações da ‘abelha’ no território galo-românico, pois o referido mapa responde à pergunta: Como se chama este inseto e onde leva os nomes de ef, nouchette, mouche à miel etc? À pergunta ‘por que se usa um determinado nome’, por que, por exemplo, no território galo-românico, tenham sido dados à abelha os sobreditos nomes, pode responder a onomasiologia diacrônica, porque as denominações mesmas e sua distribuição geográfica foram determinadas por um processo histórico [...] as investigações sobre ‘os campos lingüísticos’ (ou semânticos) de Trier aperfeiçoaram o método onomasiológico, originalmente diacrônico [...] também, porque tornaram possível o exame científico não só das

²⁵ [...] jamais será possível compreender o caráter do léxico como expressão da visão de mundo que tem uma nação em uma época determinada, nem entender sua organização interna, enquanto não for substituída a ordenação alfabética por um sistema que seja fiel reflexo da linguagem em qualquer momento ou situação. (Tradução da autora desta Dissertação).

²⁶ Para o termo Semasiologia, de acordo com Guiraud (1980, p.9), “desde o início do século XIX os gramáticos já conheciam o termo semasiologia, ou estudo das significações, sempre formado sobre o radical grego ‘sema’(sinal)”.

denominações de conceitos concretos em campo material (campo, arado, mão, foice, etc), mas ainda conceitos dificilmente delineáveis no campo espiritual (beleza, orgulho), podendo-se, portanto, incluir nessa esfera o SILENCIO, objeto de grandes mudanças (FRATEL, 2005. p. 51-53).

Uma das características da significação exploradas por Fratel (2005; 2007) para explicar ambas as estruturas encontra-se em alguns recortes lexicais selecionados para compreender as relações entre significante e conceito atribuídos aos limites do lingüístico. De acordo com depoimento de Fratel durante conversas no corredor do Instituto de Letras da UFBA (2008), a autora busca detectar a partir dos métodos onomasiológicos e semasiológicos as denominações lexemáticas que se encontram no campo da significação do silêncio no mundo medieval.

Corroborando essa idéia de conceito, a partir da unidade lexical que o compõe, Vidos (1973) afirma que a Onomasiologia é o estudo das denominações e se propõe a investigar os vários nomes atribuídos a um objeto, animal, planta, individualmente ou em grupo, dentro de um ou vários domínios lingüísticos. Seus objetivos são, portanto, semânticos e lexicológicos. O autor assegura que os princípios onomasiológicos não foram criados apenas por um pesquisador. Houve predecessores, inclusive Diez, mas foi a partir dos trabalhos de Carlo Salvioni sobre as denominações italianas do vagalume, e de Ernest Topolet sobre os nomes românicos de parentesco que se estabeleceram os princípios da onomasiologia científica, também chamada por ele de 'lexicologia científica'. Pela Onomasiologia é possível estudar a língua, a cultura, os instrumentos, as crenças, as moradias, os costumes de um povo e caracterizar as atividades de uma região e situá-las no tempo.

Baldinger(1970) estabelece os domínios dos dois campo onomasiológico e semasiológico sob a óptica da Semântica paradigmática, estrutural. O autor esclarece que tais campos são frutos da Lexicologia tradicional derivada da Geografia lingüística e da Escola saussuriana. Em uma de suas notas de rodapé, Baldinger (1970) deixa explícito que as reflexões sobre a estrutura semasiológica coincidem com as de P. Guiraud, para quem existem quatro distintos tipos de associações relacionados aos campos. A primeira refere-se ao sentido de base (núcleo semasiológico); a segunda, ao sentido contextual (plano semasiológico); como terceira associação tem-se o valor sócio-contextual e, por fim, o valor expressivo; tanto este quanto àquele referem-se ao plano estilístico.

A bipolaridade do signo lingüístico condiciona os dois métodos a se complementarem, e assegura que nos sistemas designativos as diferentes línguas oferecem estruturas particulares para realizar tais conceitos.

Com referência a complementaridade das estruturas, Baldinger (1970) afirma que:

[...] la semasiologia y la onomasiologia son, pues, puntos de vista complementarios. Este doble aspecto de puntos de vista corresponde a la doble naturaleza del signo lingüístico como forma y contenido [...]”²⁷ (BALDINGER, 1970, p.116;135;212;267;268;270).

De acordo com Baldinger (1970), é a repartição dos elementos lexicais dentro de um campo onomasiológico que determina o valor semasiológico de cada elemento. Por isso, recomenda-se, primeiro, que se proceda ao estudo dos diferentes campos onomasiológicos em que participa cada palavra para poder determinar os diferentes valores semasiológicos em um campo semasiológico.

Admite esse autor a dificuldade em se obter uma imagem clara da estrutura onomasiológica: “[...] la posición en el campo semasiológico determina al mismo tiempo la posición en el campo onomasiológico [...], embora haja problemas sincrônicos y problemas diacrônicos en relación con los dos campos [...]”²⁸ (BALDINGER, 1970, p.259; 260; 266; 270).

A Semasiologia e a Onomasiologia estudam um sistema de significações ou sememas, segundo este conjunto de significações esteja ligado a um significado/monema ou a um conceito. Baldinger (1970) define Onomasiologia (onoma/nome) como sendo conjunto de sememas ligado a um só conceito. Quanto à Semasiologia (sema /signo), cabe o exame das diferentes significações, das idéias contidas no plano de classificação, aos grupos de palavras. Para Baldinger (1970), a Semasiologia equivale ao conceito de grupo de sememas ligado a um só significado.

Desse modo, a Onomasiologia permite deslindar entre todos os monemas, grupos de monemas, ou entre todos os meios de expressão de uma ou de várias línguas dadas, aqueles que realizam o mesmo conceito ou o mesmo sistema conceitual, aqueles que têm o mesmo valor comunicativo, e proporciona, pois, monemas que realizam o mesmo semema ou semas. O campo semasiológico é, todavia, o significado que contém diferentes sememas. Assim, traduz Baldinger (1970) a representação conceitual com o significante:

²⁷ [...]A semasiologia e onomasiologia são, pois, pontos de vista correspondentes à dupla natureza do signo lingüístico como forma e conteúdo [...]. (Tradução da autora desta Dissertação).

²⁸ [...]a posição no campo semasiológico determina ao mesmo tempo a posição no campo onomasiológico [...], embora haja problemas sincrônicos e problemas diacrônicos em relação com os dois campos.[...] (Tradução da autora desta Dissertação).

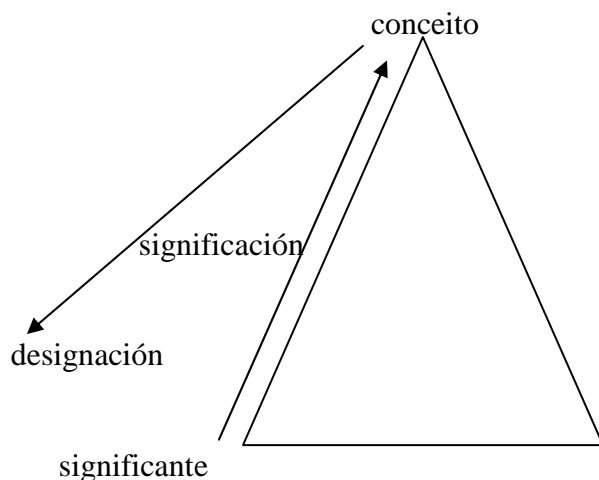


Figura 5: Modelo de Baldinger

Baldinger (1970) chama a atenção para a relação de representatividade entre conceito e significante. A significação parte de um significante para chegar a um conceito, a um objeto mental. Nesse sentido, cabe a Semasiologia desempenhar determinada tarefa. A denominação conduz-se de um conceito para chegar a um significante, sendo portanto considerada como estrutura onomasiológica.

No capítulo referente à ‘Os mecanismos da comunicação’, em “Estruturas lingüísticas do português”, Pottier; Audubert ; Pais (1973) esclarecem que:

O mecanismo onomasiológico (enunciação) é a investigação, a partir de um estímulo, da substância e da forma mais apropriadas para rerepresentá-lo. [...] a possibilidade de escolher entre diversas soluções que são de modo geral equivalentes [...] escolha das denominações, um conceito correspondem em geral diversos signos, cujo semema pode convir. [...] O mecanismo semasiológico (compreensão), os elementos e suas combinações são susceptíveis de várias interpretações (POTTIER; AUDUBERT; PAIS, 1973, p. 122;130).

Os autores definem as estruturas onomasiológicas e semasiológicas através dos elementos presentes na comunicação: a primeira, refere-se à escolha que o enunciador faz no ato da enunciação; a segunda, relaciona-se às várias interpretações que o ouvinte dispõe para compreender o domínio conceptual no qual se situa o enunciado.

Ao se trabalhar com o método semasiológico, Pottier (1978) analisa o conteúdo de uma palavra em sua acepção (significação) normal ou central, aplicando a esta palavra uma série aberta de objetos com o mesmo nome. Daí o autor situar-se num plano mais funcional de

análise semântica, o da estrutura abstrata da língua e o de suas funções como instrumento de comunicação, o que condiciona uma apreensão de semas ou componentes.

Heger (1974) reforça a idéia de que o significado do monema é encontrado como denominação do conceito. E, para respeitar a integração do signo, substitui a metáfora geométrica do triângulo pelo trapézio, idealizado para nele encontrar-se incluído o triângulo. Dessa forma, contribui para a melhor compreensão a complementaridade das estruturas onomasiológicas e semasiológicas, uma vez que a realização lingüística, que é o objeto da Onomasiologia, se efetiva por meio de palavras sujeitas à polissemia em que se faz preciso considerar a estrutura semasiológica. Os elementos onomasiológicos se encontram em estruturas semasiológicas.

Para Silva (1999),

[...] a semasiologia expressa o fato de um determinado item lexical poder ter vários significados e ou designar vários referentes particulares ou tipo de referentes, e a onomasiologia, o fato de um referente particular poder ser nomeado por várias categorias lexicais conceptualmente distintas. [Ou, ainda], a dimensão semasiológica ser a estrutura interna dos seus valores semânticos; e a onomasiologia a estrutura externa de outras palavras com as quais partilha de idêntica significação ou de um mesmo conteúdo genérico. (SILVA,1999, p. 64;69).

Nesse sentido, as ligações sincrônicas entre os vários significados de um item lexical coincidem com os mecanismos semasiológicos e onomasiológicos da mudança lingüística e são reflexos diacrônicos de flexibilidade da linguagem.

Em um outro estudo, Silva (2005) apresenta as duas estruturas em referência a um mapa conceptual da semântica histórica que pode ser representado como se segue:

| | QUALIDADE:entidades e relações | QUANTIDADE: diferenças de saliência |
|---------------|--|--|
| SEMASIOLOGIA | Novos sentidos e mecanismos de mudança (metáfora, metonímia,etc.) | Características prototípicas da mudança |
| ONOMASIOLOGIA | Novas palavras/nomeações e mecanismos de mudança (formação de palavras, neologismo, empréstimo, etc) | Mecanismos preferenciais (metáforas dominantes,etc.) |

Figura 6: Mapa conceptual da semântica histórica (SILVA, A.S.da. Semântica histórica e cognição, 2005, p.310).

Silva (1999; 2005) revela que as estruturas onomasiológicas e semasiológicas podem ser analisadas a partir da perspectiva da mudança semântica, tendo como base os elementos metafóricos e metonímicos, assim como os estudos cognitivos e conceptuais.

De acordo com Geeraerts; Cuyckens (2007, p. 989): “[...] semasiology and onomasiology[...] are traditionally employed in Continental Structural Semantics and the Eastern European tradition of lexicological research[...]”²⁹.

Para os autores, as estruturas semasiológicas e onomasiológicas correspondem aos estudos lexicais de acordo com o significado da palavra.

Sendo assim, percorrer o curso sinuoso para se entender a natureza extralingüística, que inversamente vão dos conceitos aos signos é mostrar que os estudos a partir das estruturas onomasiológicas e semasiológicas, no essencial de inspiração européia, se inscrevem no prolongamento das séries associativas de Saussure, e contribuem para demonstrar as relações analógicas ou sinonímicas³⁰ e também polissêmicas existentes entre os monemas que se referem ao um mesmo conceito. Sendo provável que o foco da Onomasiologia seja uma representação de um domínio particular, e o da Semasiologia, o desenvolvimento da polissemia.

²⁹[...] semasiologia e onomasiologia [...] são empregadas na estrutura semântica continental e na tradição ocidental européia da pesquisa lexicológica[...].

³⁰ No dicionário, a sinonímia aparece como estratégia de definição quanto na qualidade de complemento semântico. Ullmann(1964) chama a atenção para o fato de que não há sinonímia absoluta, isto é, da não equivalência total entre duas palavras. Outros autores, a exemplo de Lyons (1979), definem a sinonímia como a ‘coincidência de significado entre diversas palavras que aparecem em comunicação simples ao passo que para precisão ou expressividade não há perfeita identidade de significados porque os sinônimos se distinguem por uma significação mais restrita ou mais ampla’.